

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CAMILA DOS SANTOS DE CARVALHO

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA “PIOR TURMA” DA
ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE PRÁTICAS DOCENTES**

RIO DE JANEIRO

2019

CAMILA DOS SANTOS DE CARVALHO

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA “PIOR TURMA” DA ESCOLA: UMA
ANÁLISE SOBRE PRÁTICAS DOCENTES**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à conclusão do curso.

**Orientadora: Priscila Andrade Magalhães
Rodrigues**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, à Deus.

Aos meus pais, Júnior e Roberta, meus maiores incentivadores e apoiadores.

Às minhas irmãs, Marcelly e Eduarda, pelo carinho e companheirismo.

Aos meus avós, Julio e Elenice, por acreditarem em mim mais do que eu mesma.

À toda a minha família e namorado, pelo amor, parceria e união.

Aos meus amigos e todos aqueles que viveram essa conquista ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Tanto ensaiei para escrever esses agradecimentos e hoje as palavras me faltam. Primeiramente agradeço a Deus, que me ordenou ser forte e corajosa, estando comigo mesmo quando não consegui cumprir este feito. E que através de um amor que eu não posso definir, trilhou para mim caminhos mais altos e sonhos infinitamente maiores do que eu poderia imaginar.

Agradeço a ele também, pela preciosidade em forma de mulher, que eu chamo de mãe todos os dias. É a minha fonte inesgotável de inspiração, amor e luta. Responsável por todo o bom fruto que há em mim, e pelos que ainda colherei. E este trabalho só tem sentido, porque ela existe. Existe para me completar da forma mais linda e graciosa, me preenchendo diariamente com o que há de mais sincero. Tudo sempre será por ela, para ela, e graças a ela.

Não posso também deixar de agradecer ao meu "PAldrasto", pelos conselhos e cobranças repletos de amor que me movem a ser alguém melhor a cada dia. A paternidade está em acompanhar, apoiar, e ser. E você faz parte de cada uma dessas mais de 9.000 palavras.

Às minhas irmãs, cúmplices e companheiras, pelas quais eu busco ser alguém melhor a cada dia. Aos meus avós, melhores amigos da vida e além dela, a quem eu devo tanto. Obrigada por sonharem os meus sonhos.

A minha família, tias, tios, primos e primas, que acompanharam cada etapa, cada sorriso, cada choro, cada conquista. Jamais será possível agradecer por tudo. Agradeço também ao meu namorado, que tem me ensinado que a matemática mais perfeita da vida acontece quando duas pessoas se unem para somar e construir.

E por fim, mas não menos importante, a todos os meus amigos, apoiadores e incentivadores, que marcaram a minha caminhada e encheram de carinho a minha vida.

À todos, sem nenhuma distinção, sou grata. Tudo que somos e conquistamos é fruto de quem temos ao lado. Ninguém faz nada sozinho.

“O conhecimento serve para
encantar as pessoas, não para
humilhá-las”

Mario Sérgio Cortella

RESUMO

Este trabalho é oriundo de estudo de caso originado a partir de uma experiência de estágio obrigatório no ano de 2016, com uma turma de segundo ano do ensino médio em curso de formação de professores. Durante o estágio, foi percebido um cenário amplamente rotulador dos estudantes, no sentido de que os próprios alunos já aceitavam e passavam adiante “seus” rótulos. No entanto, pôde-se observar a prática diferenciada de uma professora que contribuiu para uma mudança de olhar desses alunos. Nesse sentido, nosso estudo busca compreender de que forma os rótulos recebidos por esses alunos, bem como as “desrotulações”, poderiam estar relacionadas às práticas dos professores. Nossos caminhos metodológicos partem da análise de três relatórios de estágio, à saber: um da autora e dois de colegas que estagiaram na mesma turma naquela ocasião; de um questionário online aplicado aos estudantes da turma em questão, no qual obtivemos 13 respondentes, e de uma entrevista com a professora. Não se trata de uma tentativa de comparar práticas, tampouco realizar julgamentos acerca da escola ou corpo docente, mas sim promover um estímulo ao diálogo e a reflexão acerca de questões importantes, no que se diz respeito ao cenário escolar de forma geral, uma vez que os próprios passaram a duvidar de suas capacidades e naturalizaram os estigmas que receberam. Bressoux (2003) nos auxilia na compreensão sobre os efeitos de alta/baixas expectativas de docentes sobre o desenvolvimento estudantil. Nossos resultados demonstram que a professora da turma, através de uma sensibilidade educativa, conseguiu interpretar o ambiente e buscou meios para interferir positivamente na autoestima daqueles jovens. Em mínimas situações a professora incentiva a turma, o que possibilitou que os alunos se sentissem encorajados, não só para o ano escolar, mas para a vida.

Palavras-chave: Rotulação. Estigmas. Autonomia. Autoestima. Prática docente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 JUSTIFICATIVA	8
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	10
3 METODOLOGIA.....	10
3.1 QUESTIONÁRIO	11
3.2 ENTREVISTA	13
3.3 RELATÓRIOS.....	14
4 REFERÊNCIAL TEÓRICO	14
5 O CASO.....	18
6 ANALISANDO O CASO.....	21
6.1 OS RELATÓRIOS	21
6.2 OS QUESTIONÁRIOS.....	23
6.3 A ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	27
7 DIÁLOGO ENTRE AS ANÁLISES.....	29
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho está voltado para as rotulações e “desrotulações” de alunos nas práticas docentes. Trata-se de uma pesquisa baseada em um estudo de caso originado a partir de uma experiência de estágio obrigatório no ano de 2016, com uma turma de segundo ano do Ensino Médio Normalista. Durante o estágio me deparei com um cenário amplamente rotulador, no sentido de que os próprios alunos já aceitavam e passavam adiante “seus” rótulos. Pude observar, no entanto, a prática diferenciada de uma professora que contribuiu para uma mudança de olhar desses alunos, sobre si mesmos

Nesse sentido, através deste trabalho busco entender de que forma os rótulos recebidos por esses alunos, bem como as desrotulações, podem estar relacionadas às práticas dos professores. Vale ressaltar que, quando me refiro à “desrotulação”, falo sobre novas posturas adotadas pelos alunos ao “abrirem mão” dos seus rótulos em determinado momento e terem uma nova compreensão sobre si. Não se trata de uma tentativa de comparar práticas, tampouco realizar julgamentos acerca da escola ou do corpo docente, mas sim promover um estímulo ao diálogo e a reflexão acerca de questões importantes, no que se diz respeito ao cenário escolar de forma geral, como rotulação e autoestima.

A metodologia desta pesquisa está baseada em um cruzamento de dados que objetiva compreender as perspectivas discentes, docente, e das estagiárias. As informações foram obtidas através do questionário enviado aos alunos, da entrevista realizada com a professora da turma, e dos relatórios de estágio de duas estagiárias que acompanharam este processo e também este trabalho.

JUSTIFICATIVA

O tema surgiu a partir de uma vivência de estágio de três meses, no Colégio Estadual Heitor Lira, Zona Norte do Rio de Janeiro, escola esta de formação de professores no nível médio, no ano de 2016.

Durante uma visita no período das ocupações, mediante a greve dos professores do Estado do Rio de Janeiro, os alunos relataram que o Colégio não possibilitava que

eles “pensassem”. Falava apenas sobre Piaget e não discutia sobre nada, valendo apenas o que o professor (a) falava. Esses jovens do 2º ano eram rotulados pelo corpo docente e, por si mesmos, como sendo a pior turma da escola, exceto por uma docente, a professora Kelly. Eles desacreditavam de si mesmos, se diziam burros e que jamais fariam uma faculdade.

Em suma, o que trouxe a motivação para tal pesquisa, através de tudo que pude observar, baseia-se em três principais aspectos:

- ✓ As rotulações que aqueles alunos sofriam por parte dos demais professores, que acabaram afetando a autoestima dos mesmos. Uma vez que os próprios passaram a duvidar de suas capacidades e naturalizaram os estigmas que receberam.
- ✓ A forma com que a professora Kelly, através de uma sensibilidade educativa, conseguiu interpretar o ambiente e buscou meios para interferir positivamente na autoestima daqueles jovens.
- ✓ O quanto que o incentivo, em mínimas situações, possibilitou que os alunos se sentissem encorajados, não só para o ano escolar, mas para a vida.

Portanto, o problema que permeia todo este trabalho pauta-se na busca pelo entendimento e reflexão sobre:

- ✓ Em que medida esse processo de rotulação e desrotulação pode estar relacionado com diferentes tipos de práticas professorais?

A partir deste problema, orientamo-nos a partir dos seguintes objetivos:

-Geral:

- ✓ Compreender e analisar o processo de rotulação e desrotulação na turma 2005, sob as perspectivas discente, docente e das estagiárias que acompanharam o processo.

1

¹ A professora autorizou o uso de seu nome

-Específicos:

- ✓ Entender os conceitos de rotulação e baixa autoestima
- ✓ Avaliar a possível relação entre as rotulações, de forma geral, e a baixa autoestima dos alunos.
- ✓ Compreender o processo de rotulação na perspectiva discente
- ✓ Analisar sob o ponto de vista da docente e das estagiárias o processo de desrotulação nesta escola.
- ✓ Entender se há concordâncias e/ou divergências na fala dos alunos e da professora sobre o caso.

Buscamos, no decorrer da pesquisa, responder as seguintes questões:

- ✓ Como o compreendemos os conceitos de rotulação e baixa autoestima?
- ✓ Em que medida é possível a rotulação desenvolver a baixa autoestima?
- ✓ Como foi construído o processo de rotulação na perspectiva discente?
- ✓ Como se deu o processo de desrotulação na perspectiva docente e dos relatórios de estágio?
- ✓ O que a entrevista e os questionários dizem a respeito da rotulação/desrotulação?

METODOLOGIA

Com base em um estudo de caso, o presente trabalho se utiliza de diferentes métodos de pesquisa: a coleta de dados através dos questionários, entrevista, análise documental e pesquisa bibliográfica. Analisaremos os dados coletados, articulando-os a teoria adotada.

Trata-se de uma pesquisa que busca entender os fatores que determinam ou contribuem para o processo de rotulação e desrotulação na turma 2005, sob as perspectivas dos estudantes através do questionário, da entrevista com a professora da turma e dos relatórios de estágio de duas estudantes de pedagogia e o da autora deste trabalho. Sendo assim, utilizaremos como estratégia metodológica o cruzamento destes dados, utilizando como embasamento teórico para articulação, os conceitos de autores como:

- ✓ Juízo professoral (BORDIEU e SAINT MARTIN 2007)
- ✓ Efeitos escola e professor (BRESSOUX 2003)
- ✓ Pedagogicídio (CORTELLA 2008)
- ✓ Rotulações (COSTA e KOSLINSKI 2003)
- ✓ Pedagogia da Autonomia (FREIRE 1998)
- ✓ Estigmas sociais (GOFFMAN 1975)

Os questionários têm como objetivo analisar a trajetória escolar dos alunos da turma 2005, entender o efeito das rotulações sobre eles, e a influência da professora Kelly em suas trajetórias. Desta forma, buscaremos compreender o caminho para o processo de desrotulação. Paralelamente, a entrevista preocupa-se em entender a perspectiva da professora Kelly sobre questões como o papel do professor, fracassos e evasões escolares, autonomia, autoestima e rotulações. Além disso, nos apresentará sua visão acerca de questões mais específicas da turma. Portanto, a análise dos relatórios de estágio servirá para trazer a visão de três outros olhares diferentes sobre aquele contexto de sala de aula. Apesar de se tratar de uma vivência coletiva, podem (e devem) haver percepções pessoais acerca das situações presenciadas.

- Questionários

A formulação dos questionários baseou-se nos aspectos observados que motivaram a presente pesquisa, levando em consideração a opinião dos estudantes acerca do que foi presenciado. Vale Ressaltar que apesar de existirem hipóteses, elas apenas poderiam ser confirmadas (ou não) através do registro dos alunos. Ao todo foram feitas doze perguntas divididas em dois blocos: o primeiro voltado a entender perspectivas mais pessoais dos estudantes sobre o caso, e o segundo direcionado à professora Kelly e à turma 2005.

O primeiro grupo de perguntas baseava-se nos seguintes questionamentos:

1. Como foi a sua formação no Heitor Lira?
2. O que você mais gostava no Colégio?
3. O que menos gostava?
4. Teve algum professor que te marcou ou fez a diferença na sua trajetória? Por quê?

5. Você se sentia valorizado (a) na escola?
6. Você considerava que os professores acreditavam na sua capacidade?

Segundo grupo:

7. Quem é a pessoa da foto abaixo? (foto da professora Kelly)
8. O que ela representou/representa na sua formação?
9. Mencione três características da professora da foto acima.
10. Suas aulas eram...
11. O que você sente ao ver essa foto? O que a imagem te lembra? (foto da turma 2005 junto às estagiárias e a professora Kelly)
12. O que você tem a dizer sobre a turma 2005?

Obtivemos treze respondentes. No entanto, algumas respostas dos alunos não foram suficientes para que conseguíssemos alcançar os objetivos da pesquisa, tampouco responder a todos os questionamentos. A necessidade por maiores informações levou-nos a realizar uma conversa (via rede social) com um dos alunos que não respondeu ao questionário, mas esteve presente em grande parte das anotações de estágio. Trata-se de um estudante que esteve presente em quase todas as aulas da professora Kelly, extremamente comunicativo, e que exercia grande influência sobre os colegas em sua forma de agir e falar. Por tal razão compreendemos que uma conversa com ele, mesmo que pela rede social, poderia nos ajudar a esclarecer alguns aspectos que ficariam pendentes. As perguntas foram:

1. Como foi sua formação no Colégio Heitor Lira?
2. O que você mais gostava e o que menos gostava?
3. Você se sentia valorizado?
4. Os professores acreditavam na sua capacidade?
5. O que a professora Kelly representou/representa na sua formação?
6. Mencione características dela.
7. Como eram as aulas da professora Kelly?
8. O que você tem a dizer sobre a turma 2005?
9. Em minhas anotações de estágio, freqüentemente você aparece se referindo à sua turma enquanto sendo “a pior turma da escola” e dizendo que vocês eram burros, entre outras coisas. Porque isso acontecia?

10. Você sentia que os professores rotulavam vocês de alguma forma? E a professora Kelly?

- Entrevista

A entrevista com a professora Kelly Pinho pautou-se em dois momentos. O primeiro direcionado a saber o que ela pensava sobre os conceitos norteadores adotados por essa pesquisa. E o segundo, com perguntas relacionadas às experiências vividas no Colégio Heitor Lira. A professora possui graduação e pós graduação na área da Educação, totalizando quinze anos de magistério, sendo oito anos somente no Colégio, recentemente, tem atuado em projetos de correção de fluxo e formação de professores, alfabetização, e educação infantil.

Primeiro momento:

1. Em sua opinião, qual o papel da escola e do professor?
2. Dentro do cenário escolar, o que pode contribuir para evasões e fracassos?
3. Você acredita que o professor pode influenciar nesse cenário? De que forma?
4. O que você entende como autonomia?
5. O que você acha sobre autonomia em sala de aula?
6. O que você pensa sobre as rotulações e questões de baixa/alta autoestima?

Segundo momento:

7. Os estudantes da turma 2005 se intitulavam a “pior turma” da escola. Você concordava com essa afirmação?
8. O que mais te chamou atenção naquele grupo?
9. Quando perguntados sobre o professor(a) que fez a diferença na trajetória deles, surgiram respostas como: “Kelly foi a professora com quem mais tive afinidade, pois ela nos passava segurança” O que você acredita que fazia que pode ter contribuído para que eles a vejam dessa forma?
10. Eles também disseram que você representou “união”, os ajudou a entender sobre o pedagógico, trabalho em equipe.” O que sente ao saber disso?
11. Para eles, suas aulas eram “dinâmicas, lúdicas, engraçadas, interativas, únicas e maravilhosas”. O que você acredita que possa ter feito a diferença no trabalho que desenvolveu para que suas aulas fossem vistas dessa forma?

12. Dentre tantos elogios feitos a você, sobressaíram “sincera, alegre e atenciosa”.

Por quê?

13. Sobre a experiência de estágio que aconteceu, o que você tem a considerar?

O que pode ter determinado tamanha intensidade na vivência do estágio pelos envolvidos.

- Relatórios

O objetivo de analisar os relatórios de estágio é trazer a visão de diferentes olhares sobre o mesmo contexto vivenciado em sala de aula, para entender o processo de desrotulação nessa escola. Dessa forma, os relatórios das alunas nos possibilitaram o entendimento melhor sobre a turma. Ainda que se tratem de percepções individuais, foi possível definir três critérios de observação, os quais os três relatórios se enquadram:

- ✓ As aulas
- ✓ Kelly com a turma
- ✓ A relação estagiários e alunos

REFERENCIAL TEÓRICO

O julgamento professoral, para Bordieu e Saint Martin (2007), apoia-se em critérios padronizados através de um sistema que qualifica ou desqualifica um sujeito. Entende-se que o juízo professoral está atribuído ao professor e cabe a ele exercer sua função de julgar e avaliar através da ação pedagógica. Contudo, os julgamentos acabam considerando não só a aparência física, mas também as condutas comportamentais, associando-as a origem social do indivíduo e determinando previamente seu desenvolvimento.

“O sistema de classificação oficial, propriamente escolar, que se objetiva sob a forma de um sistema de adjetivos, preenche uma função dupla e contraditória: permite realizar uma operação de classificação social mascarando-a; ele serve simultaneamente de intermediário e de barreira entre a classificação de entrada, que é abertamente social, e a classificação de saída, que se quer exclusivamente escolar. Enfim, ele funciona segundo a lógica da denegação: ele faz o que faz sob modalidades que tendem a mostrar que ele não o faz.” [Bourdieu e Saint- Martin 2007, p.195].

Revela-se então, um sistema de ensino marcado por critérios de classificação social através de uma seletividade que ocorre (ou não) dentro do cenário escolar, mostrando que os rendimentos e bons julgamentos alteram-se com base na posição social e no que se espera daquele sujeito. Acontece que, muitos professores utilizam adjetivos para se referirem a determinados alunos e incentivam um julgamento que, na verdade, é social e pessoal, mas fazendo-o passar como um julgamento escolar.

Bourdieu e Saint Martin (2007) mostram ainda que, o julgamento professoral também baseia-se em critérios exteriores, assim, as características oriundas do meio social no qual o aluno está inserido, podem ter influência sobre a avaliação. Os professores, muitas vezes, ignoram que esse julgamento que se anuncia como estritamente escolar está vinculado às condições sociais do aluno e sua relação com o capital cultural. A educação tradicionalmente trabalha com os conhecimentos socialmente valorizados e culturas que se tornaram legítimas, sendo assim, os alunos que correspondem ao padrão pré-estabelecido de comportamento e desenvolvimento, terão êxito para corresponder aos ensinamentos e avaliações.

Bressoux (2003) ao analisar pesquisas sobre os efeitos da escola e do professor, na aprendizagem dos estudantes rejeita o teor meritocrático de que a escola seja uma mera repetidora das desigualdades sociais. Para ele, existem escolas mais eficazes que outras, assim como professores cuja atuação também é diferente e, por isso, torna-se completamente possível melhorar o desempenho de muitos estudantes. Bressoux mostra que as pesquisas têm contribuído para melhorar o conhecimento a respeito dos efeitos escolares no desenvolvimento dos estudantes, destacando uma preocupação com o perigo de se substituir o “determinismo sociológico” pela excessiva ilusão pedagógica, uma vez que não se pode deixar para a escola, tampouco para o professor, toda a tarefa de corrigir as desigualdades sociais. O autor faz uma relação dos estudos e das variações das aquisições dos alunos em função da escola e traz dados de pesquisas dos fatores que são susceptíveis de explicar essas variações. Há trabalhos que mostraram que os comportamentos dos professores sobre a aprendizagem dos alunos pode variar, enfatizando a idéia de que o efeito sala de aula surge, na maioria dos casos, do próprio professor.

“Todavia, nós acreditamos que o professor não pode ser reduzido a um ser passivo, que sofre os efeitos de uma situação sobre a qual ele não tem controle. Ele guarda, sem dúvida, uma razoável margem de manobra no seio dessas diversas pressões (da instituição escolar, dos pais dos alunos, dos colegas de escola, dos próprios alunos, enfim, de sua situação ao mesmo tempo institucional e local); sua habilidade a jogar com elas ou a se valer delas constitui, provavelmente, um fator de eficácia. As experiências realizadas mostram, além disso, que o professor pode mudar algumas de suas práticas e que isto tem repercussão sobre o comportamento e as aquisições dos alunos” (BRESSOUX, 2003, p.27).

Cortella (2008) objetiva demonstrar que o conhecimento é uma construção cultural. Portanto, a escola possui um comprometimento político, ao mesmo tempo conservador e inovador, que começa com uma visão sobre o conhecimento para contrapor a ideia de que se trata de uma “descoberta”. Voltando-se a tentar entender a escola e suas práticas, com ênfase no sentido social do trabalho pedagógico e a possibilidade do conhecimento como instrumento de liberdade e do poder de convivência entre iguais.

Para ele, o fracasso escolar, referido como “pedagocídio”, é sustentado pelos pilares da evasão e da repetência que precisam ser erradicadas. As causas podem ser extra-escolares, relacionadas às precárias condições econômicas e sociais da população, como também a irresponsabilidade dos poderes públicos, dentre outros fatores. Entretanto, o autor chama a atenção para as causas intra-escolares, pois para ele, o professor possui a função de ter atributos técnicos para o bom exercício de seu trabalho e sempre buscar melhorias que reflitam também em suas práticas.

“No nosso âmbito, a produção do pedagocídio, intencional ou não, manifesta-se no uso não-reflexivo e crítico dos livros didáticos, passa por uma seleção de conteúdos excessivamente abstratos e sem interação, e chega até uma culpabilização dos alunos pelo próprio fracasso.” (CORTELLA,2008,p.141-142),

Costa e Koslinski (2008) tentam explicar como as percepções de gestores e de professores são capazes de moldar as expectativas futuras alunos. Através da teoria da rotulação, tentam esclarecer de que forma as aspirações e o desenvolvimento dos alunos são afetados de acordo com determinados rótulos atribuídos pelos docentes em sala de aula. Os autores demonstram que se o tratamento rotulador dos professores é constante ao longo do tempo, os estudantes acabam não “resistindo”

aos rótulos a eles atribuídos, e tendem a se conformar com o que é esperado deles. Constituindo-se uma teoria auto-realizada.

Ou seja, as opiniões dos professores acerca dos alunos que pertencem a escola, são distintas. Havendo um julgamento, com base em critérios pessoais, para identificar os que são considerados mais ou menos aptos para o desempenho escolar, o que possibilita analisar as desigualdades de distribuição de oportunidades educacionais.

Para Freire (1997) ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, e de acordo com esse pensamento é que devemos priorizar “dar asas as curiosidades” desses indivíduos, respeitando-os em suas individualidades e auxiliando-os em suas reflexões. Dessa maneira, constrói-se um relacionamento de confiança e afeto com toda a turma.

O autor enfatiza que o docente deve entender o conhecimento por meio de duas chaves, o saber ser e o saber fazer, o que caracteriza um exercício de reflexão crítica diante das situações. Para ele, é de suma importância que os discentes sejam incentivados a serem ativos, criadores, instigadores e curiosos, pois isso motiva o educador a abandonar o conservadorismo e assumir uma postura crescente e reflexiva, conciliando teoria e prática.

O autor destaca ainda que os professores precisam, em sua grande maioria, convencer-se de que ensinar não é transferir o saber, mas criar possibilidade para sua construção, desfazendo a idéia de que o educador é sujeito e o educando objeto, entendendo que ambos formam o processo de ensino e aprendizagem. Pautando-se na idéia de que professor e aluno podem trocar conhecimentos, abandonando a idéia do “aprendiz bancário”, em prol do incentivo a formação de um aluno “problematizador”.

Goffman (1975) defende que o estigma é uma identidade deteriorada, devendo ser combatida e evitada, pois é tida como um mal dentro da sociedade. Quando analisado de forma rigorosa, mostra-se como ferramenta de controle social, no qual é selecionado o que se considera “normal”, buscando justificar as diferenças com diferenças. Os estigmas são marcas estabelecidas por outras pessoas em encontros sociais e produtos da aprendizagem, e é na interação social que surge a estimulação ou iniciação do processo de aprendizagem social.

Para o autor, no meio social se difundem as idéias que estigmatizam as diferenças, tendo em vista que o ambiente é propício para tal questionamento e disseminação, pois mostram aos “diferentes” quais são as suas diferenças. O meio social junto aos valores impostos pela sociedade determinam a perpetuação do estigma, bem como a variação da percepção e prática do mesmo. Em teoria, a igualdade deveria ultrapassar todos esses conceitos sociais de marginalização do ser humano, uma vez que a lei nos torna iguais.

O CASO

O primeiro contato com os alunos do Heitor Lira ocorreu durante o período da greve estadual da educação de 2016. Minha professora da disciplina de Prática de Magistério, e hoje minha orientadora, sugeriu à turma que fossemos acompanhar o movimento de ocupação, para saber daqueles estudantes a versão deles sobre o que estava sendo vivido e oferecer nossa solidariedade à iniciativa.

Ao conversar com os alunos e dizer que eu iria estagiar ali assim que os movimentos acabassem, um estudante me disse: “Só não vai para a 2005, é a pior turma da escola.”. Curiosamente, eu lhe perguntei: “Qual é a sua turma?”, e ele respondeu: “A 2005.”

O tempo passou e voltei para iniciar o estágio, que, a primeira vista, seria na turma 2002, mas como nem todos os professores haviam retornado da greve e alguns que estavam trabalhando, não queriam receber estagiários, acabei sendo direcionada a turma 2005. Duas colegas da faculdade, também realizaram o estágio comigo.

A professora regente Kelly, era responsável pela disciplina pedagógica de estágio que abrangia cinco habilitações, sendo elas: Pesquisa e Prática Pedagógica, Conhecimentos Didático - Pedagógicos em Ensino Fundamental, Laboratório de Arte - Educação e Laboratório de Psicomotricidade. Suas aulas eram bastante agitadas e dinâmicas, e incluíam sempre atividades em grupo envolvendo músicas e diálogos.

Kelly, que passou a ser nossa supervisora de estágio na escola, foi muito receptiva permitindo três estagiárias em suas aulas, enquanto alguns de seus colegas não

quiseram receber uma. Ela pediu que nos apresentássemos, e vale ressaltar que aquele também foi o seu primeiro dia de aula com a turma após o término da greve.

Durante a minha apresentação, o ápice foi quando eu disse: “tenho 20 anos, estudo na UFRJ e estou cursando o 6º período”. Na mesma hora percebi uma mudança na fisionomia de alguns alunos, mas apenas uma falou: “Nossa, você é muito próspera!”. Aquilo mexeu comigo, mas optei por não me colocar naquele momento.

Com o decorrer do tempo, os alunos foram se aproximando e estabelecendo uma relação de confiança e amizade. Eles começaram a conversar conosco acerca das suas expectativas para o futuro, e o triste era perceber que a grande maioria dizia que não iria para a faculdade porque era burro. Alguns nem sabiam que o acesso à UFRJ se dava pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Certo dia a professora passou para eles um trabalho de planejamento, pedindo que fizessem uma sequência de exercícios voltados à educação infantil, envolvendo o preconceito. Neste momento se estabeleceu o “caos” na turma, pois muitos nunca haviam feito algo do tipo. Alguns alunos choraram, se desesperaram, saíram da sala e gritaram, literalmente. Eu sabia que adolescentes, em sua grande maioria, gritavam muito, porém, naquele momento, entendi o porquê do desespero quando vi um dos alunos que estava chorando, ir até a mesa da Kelly, e dizer em alto e bom som: “Nós somos burros, essa aqui é a pior turma da escola. Como você passa um trabalho desses para a gente? Eu nunca vou conseguir fazer isso.”.

Foi então que conversando com a professora, para tentar entender um pouco do que estava acontecendo, ela relatou que antes de entrar para dar aula na 2005, a grande maioria dos seus colegas dizia que era a pior turma da escola, que detestavam dar aula para eles, e que, inclusive, alguns professores falavam isso para os alunos. Mas a Kelly preferiu não se deixar “contaminar” (palavras dela). Mesmo receosa, esperou para formar uma concepção própria acerca da turma e, segundo ela, estava se surpreendendo. Acabou descobrindo que eles eram ótimos alunos e pessoas, porém estavam desmotivados, aceitando para eles o que outros professores falavam. Ela nos disse que questionou aos seus colegas se eles esqueceram como era ser

adolescente, que eles gritam mesmo, assim como nós gritávamos quando éramos. E o pior é que eles não entendiam o quanto a rotulação e descrença nos alunos, os afetavam.

Para mim, ficou nítido que a prática da professora Kelly traçou novos horizontes ao futuro daqueles alunos. A professora lecionava a disciplina de Práticas de estágio, e todos os dias dedicava pelo menos uma hora do seu tempo de aula conversando com eles, procurando saber seus anseios, dúvidas, projeções, ou simplesmente o que havia acontecido em casa no dia anterior. Ela realmente acreditava neles e sabia que no fundo era isso que eles mais precisavam. E ela também.

Penso que talvez o comportamento desses professores com relação a esta turma apenas reflita um cenário que ainda é muito presente nas escolas, a estigmatização e a falta de um olhar sensível que entenda a singularidade de cada ser humano.

Kelly poderia até ser uma minoria no Colégio, mas foi ela a responsável por acender naqueles adolescentes o anseio por sonhos adormecidos. Ela se importava em se fazer entender e entendê-los, gostava quando surgiam perguntas, quando criavam e se recriavam em novos pensamentos. Nunca a vi agir enquanto detentora de um falso poder à nível de conhecimento, muito pelo contrário. Kelly pesquisava junto, aprendia junto, chorava junto, sorria junto. Ela era, muitas vezes, o único ouvido atento que muitos ali tinham, por não conseguirem conversar com os pais em casa. E eu vi nascer uma comunicação sem igual, uma comunicação que eu desejo ter com meus alunos e com a vida.

Aqueles alunos que tentavam fugir da escola para matar aula, nos dias em que teria aula dela, faziam questão de ficar. Simplesmente porque ela representou em poucos dias e meses, o que eles levaram a vida escolar inteira procurando: alguém que amasse em essência o que fazia e buscasse se comunicar, ainda que com todas as diferenças.

ANALISANDO O CASO

-OS RELATÓRIOS

Conforme dito anteriormente, o objetivo da análise dos relatórios de estágio é trazer a visão de diferentes olhares sobre o mesmo contexto vivenciado em sala de aula, para

entender o processo de desrotulação nessa turma. Apesar de se tratar de uma experiência coletiva, este trabalho busca entender o que as estagiárias, naquele momento, perceberam com relação aos sujeitos escolares e suas relações, e sobre as práticas pedagógicas. Para isso, esta seção será dividida com base nos temas que mais dialogam nos relatórios.

- Kelly com a turma

Patrícia ressaltava uma relação dos alunos da turma 2005 com a professora Kelly pautada em sinceridade, diálogo e respeito. E diz que apesar de serem considerados “alunos problema” e a “pior turma da escola”, a professora preferiu dar a eles a oportunidade de mostrar quem eram. E sempre que a Kelly pedia para ser ouvida, ela conseguia o silêncio e atenção da turma.

Para a estagiária “G”, os dias de observação ressaltaram uma relação muito interessante dos estudantes com a professora da turma. Eles tinham divergências com a grande maioria dos professores, exceto com a Kelly, que tinha um interesse natural em ouvi-los e conversar com eles, e talvez por isso, havia muito respeito por parte deles.

No que tange a relação entre os estudantes e os professores da instituição, ela percebeu algumas discrepâncias, no sentido de alguns professores nem sequer cumprimentarem os alunos nos corredores, aparentando ar de superioridade com relação a eles, enquanto que a professora Kelly estava sempre disposta a ouvi-los e trocar informações.

- As aulas

A estagiária “G” observou que havia separações em grupos de estudantes de forma clara e evidente na turma. Existiam também divergências quando o assunto necessitava tomada de decisões coletivas, gerando sempre uma discussão e, em alguns momentos, era necessária a intervenção da professora e das estagiárias presentes em sala.

Segundo a estagiária “P”, era comum perceber a formação de grupos por diferentes motivos. Mas na grande maioria dos casos, se davam por critérios de afinidade. Ela fala também em uma escola “barulhenta”, em que os horários de entrada, saída, e

intervalos eram bastante agitados com conversas, gritarias, risadas, e pessoas circulando pelo espaço.

Ela ressalta ainda que, a professora Kelly foi super receptiva, e em nenhum momento se mostrou contra a nossa presença. Nós conversávamos sobre os alunos, sobre a escola, sobre a greve, ela nos chamava para as atividades fora da escola. Expõe que a relação com a professora regente da turma, não poderia ter sido melhor.

A estagiária “G” expõe que como trabalho final de conclusão da disciplina, a professora Kelly propôs à turma um projeto para ser desenvolvido ao longo do semestre, que consistia em dividir a turma em grupos que desenvolveriam uma sequência de atividades a partir do livro “Cabelo bom é o que?”. Tal atividade possibilitou a observação das dificuldades e dúvidas desses alunos em como planejar uma aula. Ela pode ver que, ao olhar o caderno dos alunos, a partir do que estava escrito, que eles eram submetidos a propostas de atividades mecanizadas, pautadas única e simplesmente em cópias do quadro, xerox de materiais, e avaliações. Isso causava desmotivação e descontentamento por parte da turma, com os professores de outras disciplinas.

- A relação estagiários e alunos

A estagiária “P” conta que obteve informações sobre os anseios, expectativas e aspirações de forma mais direta, devido ao vínculo que se formou entre estagiárias e alunos. Isso se dava através de conversas diárias em sala de aula, mediadas pela professora Kelly, onde, na grande maioria das vezes, era possível perceber a falta de interesse por parte dos alunos em seguir a carreira de professor, estando ali apenas para cumprir requisitos para ingressar no mercado de trabalho.

Nessas conversas revelaram-se também os desejos por cursar uma faculdade, que eram facilmente abandonados ao se pensar nas mensalidades das instituições privadas e nas dificuldades de se ingressar nas instituições públicas, pois se julgavam não capazes. Segundo a estudante, muitos até desconheciam os meios de ingresso a universidade pública, ou seja, era algo pouco sugerido à eles enquanto possibilidade para o futuro.

Para ela, a relação das estagiárias com a professora regente desde o primeiro momento foi de proximidade e autonomia para participar das aulas e atividades ativamente. Dentro do permitido foi possível mediar atividades, explicar alguns conceitos, dialogar, e auxiliar os alunos em suas tarefas. O que possibilitou às estagiárias um relacionamento mais próximo dos estudantes através de conversas e trocas de conhecimento. Os alunos tinham muita curiosidade em saber questões acadêmicas, como por exemplo, o período da faculdade em que as estagiárias estavam, o curso, como conseguiram ingressar, entre outras dúvidas. Estabeleceu-se então uma relação de igualdade e eles passaram a enxergar a possibilidade de, futuramente, alcançarem o mesmo espaço.

A estagiária “G” também relata que a convivência com o grupo de adolescentes rendeu a ela boas surpresas e questionamentos. Para ela, a abertura que a professora Kelly proporcionou às estagiárias, permitiu o desenvolvimento de uma melhor relação do grupo, ou seja, a permanência constante dentro da sala com os estudantes e a relação criada contribuiu para que o grupo pudesse interagir de melhor forma, tornando-se assim uma turma mais unida e confiante.

-OS QUESTIONÁRIOS

Os questionários trouxeram uma perspectiva mais pessoal sobre a professora Kelly, contudo, aspectos muito vagos no que diz respeito às questões de rotulação e autoestima dos alunos. Por este motivo, como ressaltai, no decorrer da análise das respostas resolvi também realizar um diálogo, via redes sociais, com um dos alunos que mais marcou minha vivência no Heitor Lira, e que aparecia constantemente em minhas anotações de estágio, e nos relatos descritos nesta pesquisa.

Conforme dito anteriormente, o questionário foi dividido em dois momentos: o primeiro voltado a perceber como se deu a formação daqueles alunos no Colégio Heitor Lira, e o segundo pautado em entender questões específicas referentes a professora Kelly e a turma 2005. Sendo assim, esta sessão será também dividida conforme a organização do questionário para facilitar a análise e compreensão dos dados. Posteriormente falaremos sobre a conversa com o aluno.

- Formação no colégio em questão

As seis primeiras perguntas do questionário estavam voltadas a analisar o que os alunos da turma 2005 pensavam sobre a formação deles, o que mais gostavam no Colégio, o que menos gostavam, se algum professor os marcou de alguma forma e fez diferença em suas trajetórias, se sentiam que eram valorizados naquele ambiente, e se consideravam que o corpo docente acreditava na capacidade deles.

As respostas foram interessantes, porém, não trouxeram um conteúdo que nos permitisse analisar amplamente a situação, tampouco realizar quaisquer tipos de afirmação. Como por exemplo, quando um dos alunos relata que a formação dele no Colégio foi “boa e ruim ao mesmo tempo”, ressalta-se a necessidade de entender o porquê. Quando perguntados sobre o que mais gostavam naquela instituição, apareceram respostas como “alguns professores e pessoas inspiradoras”, e então se repete a mesma situação de dúvida.

Ao perguntá-los sobre professores que marcaram e fizeram a diferença em suas trajetórias, a professora Kelly apareceu em algumas respostas sendo referida enquanto a professora com quem mais tinham “afinidade”, que os “incentivava”, queria vê-los “bem futuramente”, “dava conselhos”, e fazia sempre “o melhor para todos”. Todavia, outras respostas tinham como sujeito a palavra “ela”, mas nenhum registro sobre quem se tratava, como por exemplo: “Ela desafiava minha capacidade para me mostrar que eu sou capaz”, e “Ela fez todo o diferencial nos ensinando planejamentos diversos, conversas reflexivas que mudaram minha opinião e jeito de ser”.

Por fim, a pergunta “Você considerava que os professores acreditavam na sua capacidade?”, nos trouxe respostas ainda mais subjetivas: “Nem sempre”, “Sim, eles priorizavam isso”, “as vezes, sim”, “por poucos”, “alguns”. O que não nos permite realizar afirmações de qualquer tipo, afinal quem são “eles”, “poucos”, e “alguns”? Levantamos a hipótese de que, por se tratar de um questionário aplicado em fevereiro de 2019, mas que aborda experiências vividas em 2016, eles podem não se lembrar dos fatos com riqueza de detalhes.

- A professora Kelly e a turma 2005

Este momento do questionário foi acompanhado também por seis perguntas, sendo duas delas com fotos, objetivando perceber se ainda se lembravam da Kelly, o que representou/representa na formação deles, e identificar características sobre ela e sobre suas aulas. Havia também perguntas referentes à experiência de estágio e sobre a turma 2005, questionando os respondentes se ainda lembravam de nós, estagiárias, e buscando identificar o que sentiam ao verem nossa foto juntos, e o que tinham a dizer sobre a turma 2005.

Sobre a representatividade da professora Kelly na formação dos alunos, os registros foram bem claros no sentido da amplitude do que ela simbolizou na trajetória deles. As respostas diziam que a professora representou “muito porquê os ajudou a entender sobre o pedagógico”; “tudo sobre como planejar uma aula, como ser professor em sala de aula”; e “união, pois aprendemos que podemos sim trabalhar em equipe”. Houve, inclusive, alguém que se referiu a ela como “um ícone”, e quando questionados sobre características dela, ressaltaram “alegre” e “sincera” (mais de três respostas), além de “carismática”, “esforçada”, “divertida”, “atenciosa”, “esperançosa”, “simpática”, “espontânea”, “decidida”, “maravilhosa”, e com “muito potencial”. Sobre as aulas da Kelly, os alunos responderam que eram aulas “dinâmicas”, “lúdicas”, “engraçadas”, “legais”, “divertidas”, “interativas”, “únicas”, e “maravilhosas”.

Quando perguntamos sobre o que sentiam ao verem a foto da turma com as estagiárias e o que a imagem os fazia lembrar, “saúde” e “união” foram as palavras que apareceram em todas as respostas, sem exceção. Acompanhadas também de “recordação boa demais”, “me identifiquei com cada um e com sua maneira de ser”, e “aprendi a lidar com as diferenças”. A última questão do questionário pediu para que eles dissessem o que quisessem sobre a turma 2005. Tal pedido revelou ainda mais sentimentos nostálgicos referentes à convivência entre eles, como por exemplo, “minha melhor saúde”, “tínhamos desavenças, mas todos se amavam”, “turma repleta de carinho e gente do bem”, “mostramos nosso valor e o quanto que uma turma misturada é capaz de fazer”, “uma turma que brigava demais, mas na hora de se unir, éramos inseparáveis”, “melhor turma, mesmo com todas as desavenças”, e “a turma 2005 era uma família”.

- A conversa com um ex-aluno da turma

Pelo fato do ex-estudante entrevistado não ter respondido ao questionário, mantive algumas perguntas e adaptei outras, a fim de conseguir informações mais específicas. Perguntando-o, em um primeiro momento, sobre sua formação no Colégio Heitor Lira; o que gostava e não gostava, se ele se sentia valorizado naquele espaço, se o corpo docente acreditava na capacidade dele, o que a professora Kelly representou/representa na formação dele, e como eram as aulas dela. Depois questionei sobre o fato de que, em minhas anotações, freqüentemente ele aparecia enfatizava a referência à 2005 como sendo a “pior turma da escola”, dizendo que eram burros e incapazes. Busquei informações sobre se ele percebia se houve rótulos em relação a eles por parte de algum professor ou da Kelly, e se isso influenciou na confiança e autoestima deles para algo.

Segundo ele, “o melhor adjetivo para definir a formação no Heitor Lira, é “complicada”. Em sua opinião o ano de 2016 foi “exaustivo”, pois no 2º ano do EM ocorreu a greve que foi seguida de uma ocupação de quatro meses e após esse período, os alunos tiveram aulas aos sábados para “aprender o conteúdo de um ano inteiro em três meses”. Sobre o que mais gostava no Colégio, eram as aulas específicas como “línguas e tudo o que era voltado à educação especial, que o faziam abrir os olhos e se encantar”, em contrapartida o excesso de informações acadêmicas e muitas matérias o faziam desgostar daquele espaço, no sentido de precisar estar ali de 7h às 18h todos os dias. Quanto a se sentir valorizado, ele relata que não. Sobretudo nos estágios, pois percebeu que o homem na educação infantil é muito “regulado” e “rotulado”. O que o fazia questionar se, de fato, “queria estar ali”. Ele mencionou ainda que “antes do segundo ano” não se sentia respeitado pelos professores, tal fato mudou um pouco “após sua militância nas ocupações”.

Com o fim da greve e da ocupação do Colégio, os alunos começaram a ter aulas com a Kelly que, segundo ele, “foi uma surpresa”, pois o Heitor Lira se tratava de um ambiente em que, geralmente, os alunos não se davam bem com os professores, e ela “falava a voz” deles, “a voz da juventude”. “Sempre olho no olho”, era “ativa” e “atenta”, sendo “um bom pilar” e “uma boa influência” para os alunos, diferente de outros professores que sempre demonstraram “falta de carinho com a educação”. Para ele, “a 2005 foi uma turma intensa”, “questionadora”, “turma do barulho”, literalmente. E sobre dizer que a 2005 era a pior turma da escola, o aluno acredita que

aceitou para ele esse rótulo e perpetuava entre os amigos: “eu me via dessa forma, logo os via também”. “Em conselhos de classe, era assim que os professores se referiam” aos alunos daquele grupo, já a professora Kelly uniu-se aos estudantes. O que o aluno descreveu como “ela fechava com a gente”. Na concepção dele, esses “rótulos fazem mal” e interferem na “autoestima”.

-A ENTREVISTA COM A PROFESSORA

A entrevista com a Professora Kelly Pinho possibilitou outra visão acerca dos fatos ocorridos e também uma compreensão do que ela entende por alguns conceitos que permeiam não só prática professoral, mas a reflexão proposta nesta pesquisa. Dividimos a entrevista, assim como os questionários, em dois momentos: o primeiro voltado a perceber a compreensão da professora sobre os conceitos-chave deste trabalho, e o segundo direcionado a turma 2005.

- Base teórica

Questionando-a sobre o papel da escola e do professor, evasões e fracassos escolares, autonomia, rótulos, e autoestima, tornou-se evidente o posicionamento da professora Kelly em acreditar “na escola muito mais como um papel socializador e instrutivo do que educativo”, e o professor o responsável pela “instrução”. No sentido de que “muitas vezes o papel do professor vai além e funciona como psicólogo pai e mãe”. “Não é o correto, mas faz parte do lidar com o ser humano”. De acordo com a professora, “quando a família não dá importância a instrução e a educação, isso reflete no aluno”, e o mesmo acaba não se sentindo motivado a continuar, o que ocasiona evasões e fracassos escolares. Segundo ela, “o professor pode até influenciar nessa questão, mas não tem o papel determinante”

Ao falar sobre autonomia em sala de aula, Kelly diz não ter “aquela visão quadrada de que o professor manda e o aluno tem que obedecer”. A mesma diz que sempre incentiva os seus alunos a “serem críticos com relação ao que aprendem e com relação à eles mesmos”, para terem “liberdade de se alterar e progredir”. Portanto, para ela, “a autonomia acontece quando o aluno e o professor podem realizar críticas quanto ao processo educativo, caso contrário, a autonomia não existe”.

Referindo-se às questões de rótulos e autoestima, a professora relata que ainda busca entender a origem desse problema. Para ela, pode ser que se tratem de características que os alunos “ouvem durante toda a vida escolar ou até mesmo em casa”, e que os fazem “repetir para si mesmos que não são capazes de alcançar determinados objetivos”. Kelly diz buscar fazer ao contrário, mostrando às suas turmas que “eles são capazes e realizarão tudo aquilo que se propuserem verdadeiramente a fazer”.

- Turma 2005

Com base nas observações de estágio, perguntei à professora questões mais específicas que foram percebidas naquele grupo. Sobressaindo o fato de se intitular “a pior turma da escola”, a professora afirma “nunca” ter concordado com essa colocação, pois se trata de “um título que estigmatiza de uma vez só muitas pessoas”. Ela relata ainda, o carinho por eles e a admiração por serem “questionadores”, algo que ela sempre incentivou seus alunos a serem.

Ao saber o que os alunos responderam com relação a ela ter influenciado na trajetória deles, Kelly disse se sentir “emocionada”. Ela relata que a maioria dos seus “colegas de trabalho vêem os alunos como vasos receptores de conteúdo”, algo que ela sempre repudiou e tentava mudar em sua prática. “Valorizar o ser humano é importante, pois eles também serão formadores de outras pessoas”, e tentar conhecê-los pelo nome é uma estratégia que “traz a identidade do aluno”. A professora também diz ter a sensação de “estar no caminho certo” e de “fazer a diferença na vida de alguém”, quando relatei a fala dos alunos sobre o que ela representou e ainda representa para a turma, e diz que “é para isso que se tornou professora”.

Sobre as aulas, os alunos não pouparam elogios. Então perguntei a ela sobre o que acreditava que poderia ter feito a diferença em sua prática, e a resposta foi que “não existe fórmula”. Segundo Kelly, “a gente vai aprendendo à medida que conhece a turma, e vai planejando conforme surgem os interesses e necessidades do grupo”. Quanto aos elogios pessoais, a professora disse acreditar que todos estejam relacionados ao fato de que ela gosta de “ouvir, perguntar, demonstrar interesse e interagir”, pois sabe que as pessoas só precisam “desabafar e serem ouvidas”. “Eles se identificam porque eu não me distancio”.

Por fim, relacionado à experiência de estágio, a professora diz “nunca ter visto estagiárias passarem por uma turma e marcarem tanto como nós fizemos”, mesmo já tendo recebido outras (os), “foi a primeira e única vez”. Mas, segundo ela, isso aconteceu por que houve “questão de se envolver com a turma” e com cada aluno, ao invés de ficarmos no fundo da sala, “voamos para o meio”. O que gerou uma identificação e aproximação, no sentido de pensarem que “futuramente poderiam fazer o que nós fazíamos e se espelharem”.

DIÁLOGOS ENTRE AS ANÁLISES

Nesta seção trabalharemos os diálogos entre os relatórios, questionários, e entrevista, que permeiam esta pesquisa. Com o intuito de aprofundar a reflexão acerca dos acontecimentos e experiências obtidas através deste caso.

A partir de Costa e Koslinski (2008), é possível entender o processo rotulador como aquele em que professores atribuem determinadas expectativas (altas ou baixas) aos alunos. Tais expectativas influenciam o ambiente escolar, em especial, seu processo de aprendizagem, e esta situação se torna evidente para os autores, quando há uma “conformação” por parte de quem recebe o rótulo e aceita-o, podendo alterar definições próprias e aspirações futuras. O que se torna evidente ao pensar que um grupo de alunos se via como a “pior turma da escola”.

Existem também os “Estigmas sociais” abordados por Goffman (1975), que fortalecem a idéia de um meio social que impõe valores e padrões. Disseminando identidades deterioradas por uma forma de controle e defesa sobre tudo aquilo que parece ser “anormal” e deveria ser evitado. Através das respostas dos questionários, da conversa com o aluno, e dos relatórios pôde-se observar alunos com autoestima baixa, que se sentiam burros e incapazes de realizar tarefas, além do mais, também foi possível observar a descrença que tinham em seus próprios futuros, e até mesmo a falta de informação sobre a possibilidade de ingresso à universidade. Contudo, percebe-se então que, estigmas geram rótulos. Ou seja, existe uma referência pautada em identidades virtuais (o padrão social correto), contrapondo-se a uma identidade real duramente criticada, e o confronto entre ambas nutre conceitos sociais de banalização, marginalização e descrenças (os rótulos).

Nesse sentido, há uma área de intersecção entre as contribuições de Costa e Koslinski (2008) e Goffman (1988) na medida em que ambos apontam na direção de que a percepção que o grupo social ou instituição pode fazer dos estudantes, passa a ser por eles internalizada. Processos esses que podem ter enquanto desdobramento a criação de estigmas a determinado grupo de atores. O que se torna evidente ao relembrar a resposta da professora Kelly quando questionada se concordava com o rótulo de “pior turma” da escola. A mesma disse nunca ter concordado com essa colocação, por se tratar de um “título que estigmatiza de uma vez só muitas pessoas”

O professor pode ser fator determinante de ênfase ou erradicação deste problema. Uma vez que, segundo Bourdieu e Saint Martin (2007), as categorias do juízo professoral analisam o sistema que classifica ou desclassifica, através de juízos de valor que podem levar (ou não) em consideração a relação do indivíduo com o saber. O que fica nítido ao pensar sobre a prática da professora Kelly e dos demais professores, tantas vezes aqui relatadas (em anotações e pelos próprios alunos) como sendo práticas que não possibilitavam questionamentos, pautadas em avaliações e rótulos. Bressoux (2003) ao conceituar os efeitos escola e professor, atribui-lhes ao conjunto de processos, práticas, e políticas que influenciam positiva ou negativamente o ambiente escolar. O efeito escola ocorre no âmbito dos processos internos das instituições, gerando impactos positivos ou negativos sobre o desempenho dos alunos. Já o efeito professor, está atribuído a fatores presentes nas práticas que visam a melhoria (ou não) de resultados e apontam o comportamento professoral como fator determinante.

Sendo assim, CORTELLA (2008) ao falar em “Pedagocídio”, não estava focado em somente atribuir ao professor a culpa por fracassos escolares, mas sim o convite a reflexão sobre as práticas que permeiam o cenário escolar brasileiro. Serem chamados de “a pior turma” da escola, poderia ter traumatizado de alguma forma aqueles jovens, caso a situação não fosse revertida. Nesse sentido, podemos compreender a prática da professora Kelly enquanto um movimento de desrotulação, ou seja, houve uma mudança de cenário e percepções acerca da realidade daquela turma, inclusive, na forma que os próprios estudantes se viam. O que caracteriza um olhar sensitivo e reflexivo por parte da professora. O pedagogicídio dá-se devido a fatores extra e intraescolares, e para esses que ocorrem sob as nossas vistas

(intraescolares), devemos atuar para transformar. Para ele, o professor tem duas funções: a primeira delas é possuir atributos técnicos para o bom exercício de sua função, e a segunda é acreditar na busca por melhorias, seja através de critérios específicos ou de indignação.

Dessa maneira, Freire (1997), ao falar em autonomia, amplia a reflexão sobre a formação docente e os acontecimentos dentro e fora de sala de aula. Para ele, não há “docência sem discência”, e muito mais do que ser quem limita, rotula, e impõe, deve-se buscar representar aqueles que também aprendem ao ensinar. Através dos elogios registrados nos questionários à pessoa e às aulas da professora Kelly, foi observado o impacto da sua prática sobre os alunos, que passaram a confiar em si. Não obstante, a professora durante a entrevista relatou sua crença no valor da autonomia em sala de aula e, sobretudo, no diálogo e na reflexão acerca da construção coletiva de conhecimento. Freire (1997) acredita que o aluno precisa estar envolvido em seu próprio processo de construção do conhecimento através da liberdade para agir, pensar e dialogar. Não transmitindo, mas mediando a aprendizagem. Para a professora Kelly, acreditar no ser humano e em sua capacidade de aprender é importante, pois eles formarão outras pessoas também. Assim como Paulo Freire e, diferentemente, de seus colegas de trabalho, Kelly afirmou que eles (os colegas) “vêm os alunos como vasos receptores de conteúdo”, visão esta que ela sempre repudiou e busca não realizar em sua prática docente.

Para Costa e Koslinski (2008), quando os alunos são submetidos constantemente a situações de descrença em seus potenciais, não resistem aos rótulos a eles atribuídos. A tendência é que se conformem com as limitações originadas a eles e cada vez mais esses rótulos vão sendo aplicados, até que o indivíduo perca sua autodefinição e, conseqüentemente, o incentivo sobre os seus próprios feitos e suas aspirações futuras. O que se pode definir por um impacto na autoestima, gerando expectativas baixas sobre si mesmos, o que pode ser facilmente evidenciado quando analisamos os relatos dos alunos, conversa com o aluno, e registros dos relatórios sobre os demais professores e a forma com que lidavam com os alunos. No decorrer desta pesquisa, é possível perceber nitidamente, a mudança de pensamento vivida pelos estudantes através das qualidades que atribuíram a Kelly e às suas aulas nas respostas do questionário. A professora contribuiu significativamente para a elevação

da autoestima daqueles jovens, e por isso, a mesma diz estar “no caminho certo”. Vale ressaltar que entre as respostas dos estudantes estavam : “ela representou união, pois nos ensinou que podemos, sim, trabalhar em equipe”, “nos ensinou a sermos professores”, “simplesmente um ícone”.

Sendo assim, salientamos que as práticas professorais determinam impactos positivos ou negativos sobre o desenvolvimento dos alunos, conforme vemos em Bressoux (2003). Não obstante, Bordieu e Saint Martin (2007) apontam para um sistema escolar que pode qualificar ou desqualificar através de juízos de valor acerca da relação daqueles alunos com o processo de aprendizagem. Nesse sentido, a prática da professora regente, impactou a realidade dos alunos, bem como das estagiárias, através das trocas de experiências e aprendizados, de forma construtiva e natural, tornando aquela experiência marcante para todos os sujeitos envolvidos e possibilitando a transformação daquela realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que esta pesquisa não se limita apenas ao fim destas páginas. A proposta é que sirva de apoio a reflexões contínuas acerca deste ambiente tão contraditório, mas ao mesmo tempo tão enriquecedor, que é a escola.

O caso descrito trata-se de uma turma de ensino médio, contudo, o saber docente, perpassa as limites de segmentos e vai além da sala de aula. Tudo o que abordamos nesta pesquisa serve para nos questionarmos sobre nossas próprias práticas, no sentido de que lidar com seres humanos requer sensibilidade e atenção.

Em momento algum foi objetivo deste trabalho realizar comparações e conceituar práticas boas ou ruins, profissionais bons ou ruins, mas sim, incentivar, ainda que minimamente, a possibilidade de reajustes em trajetórias, sejam elas docentes ou discentes.

Aproveito para relatar que o aluno que me concedeu a “conversa” para esta pesquisa, e foi tantas vezes descrito em meus escritos de estágio, hoje é meu colega de trabalho e luta ao meu lado para exercer esta profissão docente com dedicação e qualidade. Frases ouvidas durante a experiência de estágio como “eu nunca farei uma faculdade”, “eu nunca serei professor”, são exemplos de como aquela realidade foi modificada.

Ao esbarrar com ele três anos depois, ele me reconheceu. Durante nossas conversas percebi que ele ainda lembrava de tudo, exatamente como havia sido, e de todos nós, eu, as estagiárias, e a professora Kelly.

E ele de “aluno burro”, pertencente a um grupo de iguais a ele, que dizia não conseguir fazer sequer um planejamento, hoje está a frente de uma turma da Pré-Escola II. Excelente profissional, sensível e disposto a ser diferença.

Por essas e outras eu ainda acredito em dias melhores, em profissionais mais humanos, e práticas mais conscientes. O que tinha tudo para ser a “pior experiência”, na “pior turma”, e com os “piores alunos”, tornou-se aprendizado para o resto da vida.

Que fique registrada a minha admiração e gratidão por ter me tornado quem escreve estas palavras agora. Por fim, dedico este trabalho à minha tão amada, inesquecível, e intensa “2005”. Com vocês aprendi que Educar é permitir e incentivar a dúvida, o erro, a ressignificação. Vocês não eram “a pior turma da escola”, eram apenas um grupo que, assim como tantos outros, espera esbarrar com profissionais que entendam que cada um é um ser. E cabe a nós, educadores, possibilitar que sejam. Sejam aquilo que devem ser, em potências ou dificuldades. Apenas sejam o melhor que puderem em suas próprias versões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. AND SAINT-MARTIN, M. (2007). “**As categorias do juízo professoral**”, In: Nogueira, Maria Alice; Catani, Afrânio (Orgs.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, p.185-216.

BRESSOUX, Pascal. **As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito professor.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 38, dez. 2003. p. 17-88.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA, M.; KOSLINSKI, M.C. **Prestígio escolar e composição de turmas – explorando a hierarquia em redes escolares**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 40, p. 305-330, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997

GOFFMAN, E. (1975). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC